

**TENSÕES ENTRE O ÉTICO E O ESTÉTICO NO ROMANCE TRISTE FIM DE
POLICARPO QUARESMA, DE LIMA BARRETO**

Isabela de Almeida Araújo – UNB
isabela.unb@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1916), uma das obras mais importantes do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922), sob a perspectiva dos conceitos de ética e de estética trabalhados em tal narrativa. A discussão sobre questões sociais e culturais sempre esteve presente na prosa de ficção de Lima Barreto, de modo que a sua linguagem literária tende a refletir, de certo modo, as suas experiências nesse âmbito. Em seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o escritor expõe o seu pensamento sobre o fenômeno artístico bem como a sua ideologia militante, e é por meio desse mecanismo que buscou observar os limites e as tensões entre o ético e estético no cenário literário de seu tempo. Lima Barreto revela-se um escritor singular da literatura brasileira pelo fato de ter se empenhado em discutir de modo sutil e irônico as transformações sociais e econômicas que ocorreram no Brasil no fim do século XIX e início do século XX. Desta maneira, este estudo pretende analisar as relações entre o modelo literário estabelecido no período e aquilo que podemos chamar de escrita barreteana.

Palavras-chave: Lima Barreto; ética; estética.

Introdução

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Filho de tipógrafo e professora primária, o autor, ainda criança, vivenciou algumas das principais mudanças sociais brasileiras no fim do século XIX. Em data de comemoração do seu sétimo aniversário, a Princesa Isabel assinava a lei Áurea, que extinguiu a escravidão no país. No ano seguinte, Lima Barreto assistira “bestializado” à proclamação da república. Estes dois momentos históricos são de grande relevância para sua vida, e consequentemente refletiram na produção artística literária.

Durante sua juventude, sendo o único aluno mulato na turma de Engenharia, começou a publicar em jornais estudantis. Ao invés de estudar para as provas do curso, ia à biblioteca à procura de livros; seu interesse pela literatura foi o alicerce para a futura e promissora carreira de escritor. Contudo, devido à invalidez prematura do pai, Lima Barreto foi obrigado a trabalhar para ajudar a família. Passou, então, no concurso público para amanuense do Ministério da Guerra. Ao mesmo tempo, escrevia para vários periódicos de pequena circulação. Assim, a engenharia parecia não se ajustar e a escrita tomava conta de sua vida cada vez mais.

Dentre os vários jornais em que publicou, estão o *Correio da Manhã* e a *Gazeta da Tarde*, mas foi no *Jornal do Comércio* que sua maior obra circulou em folhetim. Lima Barreto atingiu o auge da carreira em 1911, quando escreveu *Triste fim de Policarpo Quaresma*: “É bem de ver que, em 1911, já estão prontos os três livros mais importantes de toda a sua obra de ficção: *Isaías Caminha*, *Gonzaga de Sá* e *Policarpo Quaresma*. Destes, apenas o segundo ainda inédito” (BARBOSA, 2002, p. 223). Outros textos, por exemplo, como *Clara dos Anjos*, *Os Bruzundangas* e *Cemitério dos Vivos* (publicado postumamente) também ganharam destaque dentro do *corpus* literário do autor.

As obras embasadas, principalmente, nos aspectos sociais é uma reflexão sobre o que aconteceu em sua vida e de como enfrentou seus problemas. Repudiando os padrões estruturais, o autor não se adequava aos pensamentos parnasianos e simbolistas da arte, nem ao menos se situa dentro da estética realista. Porém, Lima Barreto é apresentado pela história literária como o precursor do modernismo no Brasil, apesar de se opor às principais linhas teóricas dos modernistas de 1922.

Nas sessões seguintes, a obra, considerada pré-modernista, será analisada tendo em vista as relações tênues entre o período literário e a produção do autor, sem perder o foco das críticas à sociedade que passou pela virada do século e viu seu país mudar gradativamente. Além disso, ressalta-se que o presente trabalho orienta-se, especialmente, à observação da literatura como forma de expressão artística e o que é julgado como bem e belo dentro da arte por Lima Barreto.

Policarpo Quaresma: O Visionário

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1916), considerado a obra-prima do autor, é dividido em três partes e narra a vida do Major Policarpo Quaresma. À primeira vista, o personagem principal é apenas um senhor que se “alimenta” do sentimento patriótico. O seu amor ao Brasil é motivo para o julgamento que faz sobre as condutas da sociedade. Para ele, o mais importante é saber todos os elementos característicos do país e viver com/por eles.

Na primeira parte do romance, o Major é apresentado ao leitor: um homem muito respeitado por todos, trabalhava na biblioteca “Arsenal da Guerra” e fora apelidado pelos seus colegas de “Ubirajara” – pelo fato de sempre conversar a respeito do Brasil (numa clara alusão ao personagem-título da obra do romântico nacionalista José de Alencar). Seu patriotismo justifica-se,

principalmente, pelos estudos que se dedicava. Apesar de não ser formado na academia, possuía inúmeros livros e estes eram sobre os mais diversos aspectos relativos ao país. Dentre eles era possível encontrar a literatura de Gregório de Mattos e dicionários da língua tupi-guarani, a qual estudava com afinco e já conseguia falar algumas frases.

Outro personagem de grande importância para a obra é Ricardo Coração dos Outros, cantor de modinhas que vai à casa de Policarpo para lhe ensinar a tocar violão. O Major sempre esteve à procura dos elementos característicos da pátria e, desse modo, encontra na modinha e no instrumento de cordas a genuína música brasileira.

De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poético-musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha. Estava nisso tudo *a quo*, mas procurou saber quem era o primeiro executor da cidade, e tomou lições com ele. O seu fim era disciplinar a modinha e tirar dela um forte motivo original de arte. (BARRETO, 1997, p. 19-20)

O sentimento de nacionalidade guiará toda a obra. Além da modinha, a língua também será motivo da crítica de Policarpo aos costumes brasileiros. Para ele, os descendentes dos povos indígenas deveriam ter como idioma oficial do país o tupi-guarani. Além disso, o Major praticava alguns dos rituais dos índios – que acreditava dever ser seguido pela sociedade: quando algum familiar querido chegava à sua casa, chorava, assim como aqueles, para demonstrar a saudade e a alegria sentida quando alguém retorna a casa: o choro é o símbolo de tal situação.

Na segunda parte do romance, o Major Policarpo muda-se para o sítio *Sossego*. Ali dará vida ao seu desejo de viver das coisas que a terra é capaz de produzir. A agricultura é o centro desses cinco capítulos que compõem o segundo momento da narrativa. Policarpo vai morar no sítio afastado da cidade após sua estadia no manicômio. Os estudos acerca do Brasil o encorajam a trabalhar na lavoura. Depois da proposta da afilhada Olga, Quaresma conclui: “É verdade minha filha. Que magnífica ideia, tens tu! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo...” (BARRETO, 1997, p. 95).

Junto aos seus empregados, Anastácio e Felizardo, Quaresma irá dedicar-se a cuidar do terreno no qual pretende cultivar. Investe em livros e instrumentos científicos para fazer medições e poder entender o funcionamento da terra. Porém, o Major, que nunca havia entrado em contato com tal realidade, logo percebe que tais aparatos são desnecessários para a plantação já que a natureza se

encarrega de demonstrar seu comportamento.

“É verdade que deixara de parte os instrumentos de meteorologia” (BARRETO, 1997, p. 145). Não alcançando larga produção, não conseguiu lucrar o que previa. Por fim, Policarpo foi atingido por uma praga, destruindo o pouco que conseguira aproveitar da terra. As formigas saúvas invadiram sua plantação e o ‘expulsou’ do lugar onde quisera cumprir o suposto dever de ser brasileiro:

Houve um instante de desânimo na alma do major. Não tinha contado com aquele obstáculo nem o supusera tão forte. Agora via bem que era a uma sociedade inteligente, organizada, ousada e tenaz com quem se tinha de haver. Veio-lhe então à lembrança aquela frase de Saint-Hilaire: “Se nós não expulsássemos as formigas, elas nos expulsariam.” (BARRETO, 1997, p. 130)

Lima Barreto, nesse trecho, elabora uma peculiar metáfora: a sociedade das formigas, tão bem organizada e inteligente, é capaz de derrotar o homem. Este pequeno acontecimento serve para desencadear a terceira parte da narrativa que é anunciada com o fracasso de Policarpo no campo e seu desejo de viver da terra. Os insetos eram mais fortes devido a sua organização “social”. Diferente do que irá ocorrer com o povo brasileiro: as pessoas lutam pelo seu bem individual. No fim da segunda parte, Policarpo recebe a notícia sobre os movimentos na capital e, então, manda um recado ao presidente: “Marechal Floriano. Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma” (BARRETO, 1997, p. 159).

Na última fase da vida do Major apresentada no romance, ele junta-se, como voluntário, à tropa de Floriano na guerra. Durante os acontecimentos da revolta provocada pela Marinha Brasileira, Policarpo reflete sobre o seu país - o descaso do governo com a população e a falta de interesse dos brasileiros são o que mais lhe incomodam. O Major denuncia as atrocidades da guerra e mandam-no para a prisão. Morre na cadeia como um traidor da nação. Este é seu triste fim que a tão amada pátria lhe proporciona:

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, e escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de sua gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. (BARRETO, 1997, p. 254)

O Artista e Pensador Lima Barreto

Lima Barreto, como já explicitado, é um escritor pré-modernista de acordo com certas teorias literárias. Contudo, ele não era seguidor de propostas estéticas que se estabeleciam no século XX. Antes, repudiava a influência que a Europa exercia na arte brasileira. Os movimentos Naturalistas e Parnasianos da literatura eram vítimas da crítica do autor que buscava, acima de tudo, expressar-se do modo mais natural possível. Sua principal característica era a utilização da escrita dita “vulgar” pela academia. Importava-se menos com os adornos linguísticos e mais com o tema que realmente queria abordar: a vida social no Brasil e a estrutura precária deste país.

O naturalismo, que tem como representante mais conhecido o escritor francês Zola, tinha foco na realidade do homem. Sua principal característica era a descrição detalhista. Lima, por sua vez, critica esse tipo de “arte” sem vida e sem função social, tendo em vista que para ele, a literatura deveria ser ligada à estética como um elemento pertencente da obra, não o seu exterior. O parnasianismo também possuía espaço no cenário artístico literário do início do século XX. A percepção estética parnasiana ultrapassava as fronteiras da boa literatura. Preocupando-se com o jogo de palavras e com as estruturas perfeitas, voltadas aos modelos greco-romanos, esta literatura não deixava espaço para as temáticas sociais que faziam parte da vida da população, ou seja, não eram evidenciadas as grandes transformações do começo do século.

Outro movimento literário em voga era o simbolismo. Voltado para o indivíduo em sua finitude, está ligado às questões estéticas da arte e aproxima-se do ultrarromantismo. Mas, Lima Barreto prega por uma literatura que seja capaz de englobar o ético e o estético, ou seja, o social e o belo.

Sendo assim, a importância da obra literária que se quer bela sem desprezar os atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida. (BARRETO, 1953, p. 99, “O destino da literatura”)

Leitor assíduo de Jean Marie-Guyau, o escritor carioca vai ao encontro às propostas do filósofo francês acerca do conceito estético que a arte literária deveria possuir. Sua literatura confirma seu posicionamento mediante aos aspectos brasileiros e a produção artística do início do

século XX.

Ética e Estética *Versus* Sociedade e Arte

Ética e estética são, geralmente, analisadas como conceitos distintos e, inclusive, em alguns casos podem ser tratados como características contrárias. Contudo, este trabalho intenta mostrar como esses podem ser reunidos e estudados como aspectos complementares. Para iniciar tal sessão, observemos uma citação do já referido Jean-Marie Guyau, em seu livro *A arte do ponto de vista sociológico*:

Poderíamos dizer que o belo é o bem já realizado, e que o bem moral é o belo a ser realizado no indivíduo ou na sociedade humana. O bem moral, para falar com os teólogos, é o reino da lei; o belo é o reino da natureza ou o reino da graça, porque a natureza é a solidariedade imperfeita, mas já real; a *graça* é a solidariedade perfeita e real, seja entre as diversas partes de um mesmo ser, seja entre os diversos seres: todos em um, um em todos. (GUYAU, 2009, p. 94)

A explícita relação entre o bem e o belo pela citação mostra que o social está ligado ao estético e vice e versa. As ações humanas compõem a estética a partir do momento que essas são éticas. Assim, para existir o belo é preciso que a moral da sociedade seja expressa. Esses fatores guiam a produção artística de Lima Barreto. A temática social da qual a arte necessita é o que a torna obra-prima. O bom artista é justamente aquele que consegue representar os dois conceitos em uma só realidade.

Dos inúmeros trabalhos acerca da ética e da estética, Amelia Valcárcel faz um pequeno estudo sobre a relação entre os dois conceitos. Analisando escritos de pensadores como Kant, Nietzsche, Hegel, entre outros, a filósofa argumenta as várias interpretações possíveis desses no âmbito da filosofia. Em certos momentos cita a arte e a empregabilidade dos conceitos nesta: “[...] no pensamento de Wittgenstein a arte supõe uma ética, quer dizer, que toda estética leva consigo uma ética sobreposta. A arte é então simulacro e a ética continua sendo inefável. A arte mostra justamente este inefável” (VALCÁRCEL, 2005, p. 6).

Dessa forma, o bem é algo inexplicável, aquilo que não se pode dizer e a arte existe para tentar representá-lo. De acordo com o pensamento barreteano acerca da arte, vê-se logo que Lima julga como o bom artista aquele que escolhe utilizar a expressão literária como o veículo de difusão

da ética da sociedade. Combinando esses dois fatores, ele dá vida ao nacionalismo exacerbado de Policarpo Quaresma, personagem que carrega a pátria de corpo e alma.

Assim, o caráter social está empregado na literatura. A crítica ao sistema, que não se preocupava com o que é legítimo do país, mostra como aquele era – e continua sendo – falho. O olhar etnográfico, característico da literatura romântica, é deixado de lado. O que está em jogo é a visão do próprio brasileiro a respeito da sua pátria. A arte está, justamente, encobrindo todas as tentativas de explicação do que deve ser a postura ética da sociedade.

A Metalinguagem em Triste Fim de Policarpo Quaresma

No início do livro, encontra-se a primeira observação feita por Lima a essas condições em que a arte brasileira se encontrava. No discurso do personagem Ricardo Coração dos Outros, o autor expõe uma sutil crítica ao parnasiano Olavo Bilac, o maior artista desse movimento literário. A princípio, é preciso entender que Ricardo é o “elemento-chave” para que a opinião do escritor fosse colocada em evidência. Analisemos:

Dona Adelaide obtemperou então:

—Cante uma de outro.

—Oh! Por Deus, minha senhora! Eu só canto as minhas. O Bilac, conhecem? Quis fazer-me uma modinha, eu não aceitei; você não entende de violão, "Seu" Bilac. A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas; o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja. Por exemplo: se eu dissesse, como em começo quis, n' "*O Pé*" uma modinha minha: "o teu pé é uma folha de trevo" — não ia com o violão. Querem ver? (BARRETO, 1997, p. 23)

Nesse trecho, a primeira observação a ser feita é fato de o personagem afirmar que não canta composições de outras pessoas. Este é um fato muito explorado por Lima Barreto em sua obra. Para ele, é muito importante elevar aquilo que é seu, o que é nacional. Em seguida, é citado o Bilac, e a crítica gira em torno da circunstância desse não saber escrever modinhas que “dão” para o violão. Ou seja, um poeta brasileiro que não consegue escrever letras para serem acompanhadas pelo genuíno instrumento do país. Além disso, “uns versos certos que digam coisas bonitas” não são o suficiente, é preciso encontrar o que o violão quer, é necessidade que move a modinha, não o adorno linguístico.

Ainda sobre o excerto, Antônio Arnoni Prado em seu livro *Lima Barreto: o crítico e a crise* (1976) ressalta:

[...] embora Coração dos Outros valorize uma nova forma de arte e de poesia que se descarta dos critérios dominantes, o narrador, à sombra deles, conhece o estreito limite de seus passos e sabe que, enquanto mero contraste, ele não constitui nenhuma ameaça aos modelos vigentes. (PRADO, 1976, p. 40)

Por mais que o personagem seja tão visionário em relação à arte de fazer modinhas como Policarpo é ao povo brasileiro, estes não são, necessariamente, o marco da mudança. Com pretensões de alcançar reconhecimento, possuem somente pensamentos diferentes dos modelos impostos, mas não são capazes de transformar a realidade.

Coração dos Outros, a todo o momento, questiona o padrão estético da poesia em voga (lê-se estética parnasiana). Quanto à recepção crítica de seu trabalho, ele explica a Olga Coleoni, em um encontro casual na casa do Major, o motivo do péssimo julgamento feito sobre suas modinhas no jornal *Tempo*:

— Muito injusta! acrescentou Ricardo. Todos os críticos se atêm a essa questão de metrificação. Dizem que os meus versos não são versos... São, sim; mas são versos para violão. Vossa Excelência sabe que os versos para música têm alguma coisa de diferente dos comuns, não é? Não há, portanto, nada a admirar que os meus versos, feitos para o violão, sigam outra métrica e outro sistema, não acha?

— Decerto, disse a moça. Mas parece-me que o Senhor faz versos para a música e não música para os versos. (BARRETO, 1997, p. 40)

O motivo da injustiça que está em volta do trabalho de Coração dos Outros é, principalmente, o difícil dever de metrificar os versos. Seu argumento para não se render a tal preceito imposto pelo modelo literário é que os versos não são para uma poesia qualquer que fale sobre coisas bonitas, sua modinha é feita pra o violão, como ressalta Olga, portanto, o mais importante são os versos caberem dentro da melodia tirada no instrumento e não o contrário.

A visão de Ricardo sobre as modinhas pode ser uma referência feita por Lima Barreto aos poetas simbolistas que possuíam a musicalidade como característica de suas poesias. Porém, mais que isso, a questão da arte ser, na realidade, a expressão do artista devendo mesclar a representação da vida cotidiana envolta pela beleza que esta precisa proporcionar aos homens. Dessa forma, evoca-se Amelia Valcárcel: “Ética e estética são duas possibilidades de mundo que se apresentam ante o sujeito” (VALCÁRCEL, 2005, p. 38).

Essas possibilidades estão emaranhadas dentro da obra literária. O escritor carioca se vale de ambas para ressaltar sua opinião sobre a arte. Os dois mundos possuem uma relação de dependência. As tensões entre os conceitos são, dentro da obra, guiados pelo nacionalismo. E,

novamente, Coração do Outros é o responsável pela observação:

—Entre nós, minha senhora, falou Coração dos Outros, não se levam a sério essas tentativas nacionais, mas, na Europa, todos respeitam e auxiliam... Como é que se chama, major, aquele poeta que escreveu em francês popular?
—Mistral, acudiu Quaresma, mas não é francês popular; é o provençal, uma verdadeira língua. (BARRETO, 1997, p. 40)

Mais uma vez, a língua é a causa da crítica. Ricardo compara o Brasil à França mostrando que no país europeu o patriotismo está acima de tudo, enquanto os brasileiros são rechaçados por não seguirem os modelos e costumes ditos ‘civilizados’ que eram importados da Europa moderna. Em certo momento, o cantor de modinhas deparasse com um rival. À procura de uma solução para seus problemas, reflete sobre o nacionalismo e os homens literatos brasileiros:

A *réclame* já não bastava; o rival a empregava também. Se ele tivesse um homem notável, um grande literato, que escrevesse um artigo sobre ele e a sua obra, a vitória estava certa. Era difícil encontrar. Esses nossos literatos eram tão tolos e viviam tão absorvidos em coisas francesas... (BARRETO, 1997, p. 85)

Esse discurso não pertencer somente a Ricardo, o trecho é uma clara amostra da realidade brasileira. Assim como o Coração dos Outros, Lima Barreto sofreu com a recepção crítica de sua literatura. Os acadêmicos não viam com bons olhos a forma simples de escrever e a linguagem popular utilizada pelo escritor carioca. As denúncias sobre a situação precária em que o Brasil se encontrava também incomodavam os críticos.

Na ocasião do aparecimento da 1ª edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, M. de Oliveira Lima publicou no jornal *O Estado de São Paulo*, em 13 de novembro de 1916, uma crítica ao recente livro publicado. De maneira cautelosa, faz a seguinte observação:

O romance do Senhor Lima Barreto, se não alvoroçou a imprensa, impressionou fortemente quantos o leram. Não tenho ouvido a tal respeito uma opinião discrepante. É um grande livro, por consenso comum. A única pecha de que tenho ouvido culpar, não me parece absolutamente justa. Refere-se à linguagem, ou melhor ao estilo, jugado menos cuidado e por vezes incorreto, por ser a linguagem simples e propositalmente desataviada. Por idêntico motivo era Eça de Queirós no começo tachado de escrever mal. O Senhor Lima Barreto procura felizmente não escrever bonito: antes, mil vezes, antes, singelo, familiar mesmo, do que pernóstico. (OLIVEIRA LIMA in: BARRETO, 1997, p. 422-423)

O este posicionamento evidência a forma como a recepção crítica, por parte dos literatos, foi contrária à escrita singela do autor de notável obra. Ainda sobre o impacto causado por Lima Barreto alguns anos após sua morte, o escritor baiano Jorge Amado publica em 1935, uma pequena nota acerca da produção artística daquele. Nesta, Amado afirma: “Lima Barreto não precisa de elogios nos jornais. Ele é um escritor do povo e o povo sabe disso” (AMADO *in*: BARRETO, 1997, p. 431).

Considerações Finais

O romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, foi/é esquecido pelas pessoas, principalmente por aqueles que compõem a academia e não se lembram da existência um escritor brasileiro, carioca, nascido em meio às mudanças dos séculos XIX e XX e que se preocupou em mostra tudo a todos. Ressaltou a importância da pátria brasileira, perdida nos modelos impostos pela sociedade europeia, e revelou as suas reais misérias.

Não sendo bastante fazer críticas à sociedade e ao governo, Lima também colocou em primeiro plano seus julgamentos acerca da arte. Estes, baseados especialmente na leitura do jovem filósofo Jean-Marie Guyau, apresentam os aspectos sociais como essenciais para a produção artística, tendo em vista que a beleza de uma obra de arte só estará completa caso esta possa atingir de alguma maneira a sociedade na qual se vive. Assim, as tensões entre a ética e a estética as tornam elementos que se complementam, elas precisam relacionar-se para que possa ser considerada verdadeira arte.

Da mesma forma, a literatura tem o objetivo de representar a sociedade e, ao mesmo tempo, ser estética. O escritor carioca cuidou para que suas obras conseguissem atingir tal meta. Com reflexões sobre a sociedade do início do século XX e à república instaurada pelo golpe do qual o povo não participou, o Major Policarpo Quaresma demonstra o amor que sente por sua nação, por meio da língua, das terras, do governo, mas não deixa de pensar sobre os valores de beleza da arte.

Os preceitos artísticos instaurados pela influência europeia são empregados pelos realistas, naturalistas e parnasianos, julgados, por Lima Barreto, como uma arte sem vida que não atinge realmente a vida social e por isso não são verdadeiras obras de arte: não possuem o caráter ético para tornarem-se estéticos.

Em suma, não só as críticas ao Brasil, mas também a arte movem a literatura barretana. A linguagem simples do escritor carioca é também uma forma de relutar aos modelos impostos. O

caráter social explícito em seu maior romance, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, é apenas uma das facetas da obra, pois, neste encontra-se os pensamentos de Lima Barreto acerca do mundo que ele viveu e soube muito bem representar. O bem, ligado ao social, e a beleza tornam sua produção artística literária um verdadeiro exemplo daquilo que acreditava ser arte.

REFERENCIAS

- AMADO, Jorge. “Lima Barreto, escritor popular”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*: Edição crítica. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*: Edição crítica. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.
- . “O destino da literatura”. In: *Marginália*. São Paulo: Mérito, 1953.
- GUYAU, Jean-Marie. *A arte do ponto de vista sociológico*. Tradução de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins, 2009.
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/INL, 1976.
- VALCÁRCEL, Amelia. *Ética contra Estética*. Tradução e notas de Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2005. (Série Estudos).